

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

KERIN COSTA

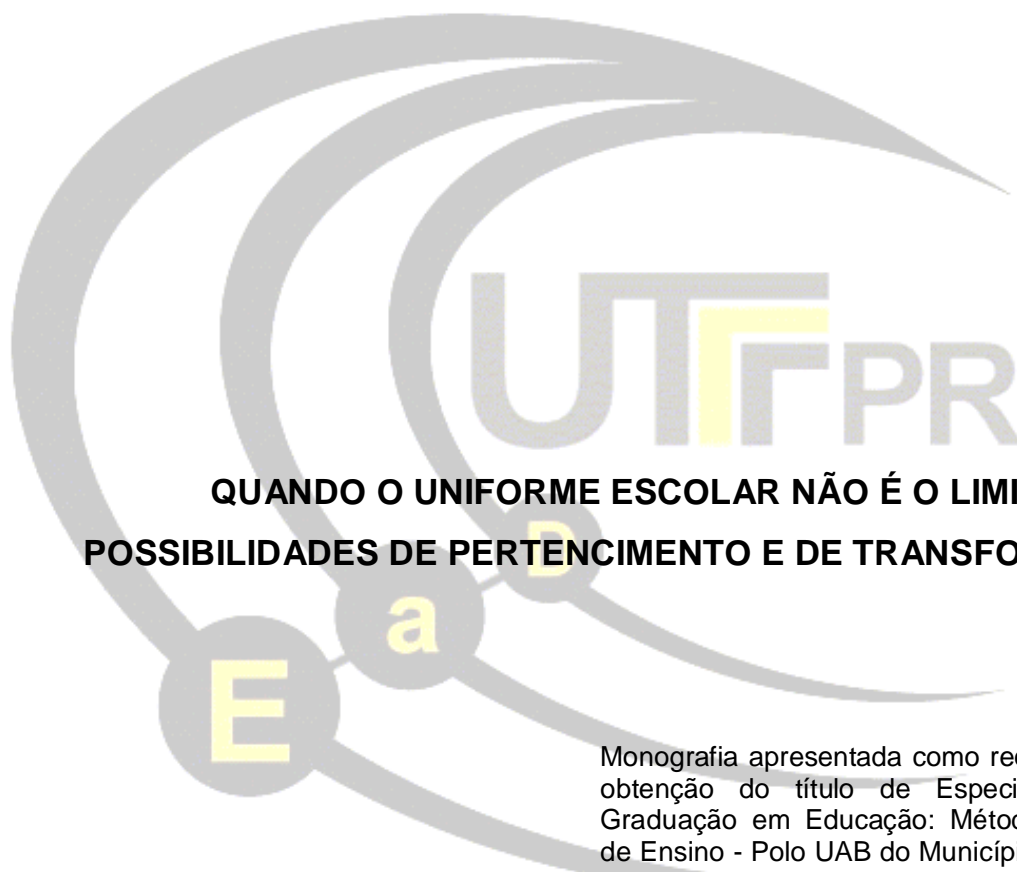
**QUANDO O UNIFORME ESCOLAR NÃO É O LIMITE.
POSSIBILIDADES DE PERTENCIMENTO E DE TRANSFORMAÇÕES**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

KERIN COSTA



**QUANDO O UNIFORME ESCOLAR NÃO É O LIMITE.
POSSIBILIDADES DE PERTENCIMENTO E DE TRANSFORMAÇÕES**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Paranavaí - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Periotto

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

Titulo da Monografia

Por

Kerin Costa

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2014**, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Paranavaí - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof. Dr. Fernando Periotto
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof Dr.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho a minha mãe, que teve grande importância neste momento da minha vida, também ao esposo e ao filho que me compreenderam e superaram minha falta nos dias de aula e de estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

A minha mãe, meu esposo e meu filho pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A meu orientador, professor Prof. Dr. Fernando Periotto pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

[...] este é o valor principal de uma experiência de escrita: não contribuir para constatar uma pressuposta verdade, mas sim transformar a relação que temos conosco mesmo, ao transformar a relação que mantemos com uma verdade na qual estávamos comodamente instalados antes de começar a escrever. (KOHAN, 2003, p.17).

RESUMO

COSTA, Kerin. Quando o uniforme escolar não é o limite. Possibilidades de pertencimento e transformações. 2014. 18 p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho, através de uma revisão da literatura, procura analisar o uniforme escolar, apresentando sua história e relacionando seu uso, suas práticas e representações. Durante anos os uniformes foram confeccionados com tecidos sem qualidade, ultrapassados e pouco aceitos pelos estudantes. Seu surgimento deu-se há muitas décadas como identificação de grupos, diferenciando os alunos e identificando-os principalmente quando se encontravam fora da escola, além de muitas vezes demonstrar diferenças entre classes sociais, visto que cada escola tinha seu modelo exclusivo. Além dos usos militar e eclesiástico, dentro da escola servia para moldar o comportamento dos jovens estudantes, pois quando forçados a usarem roupas impostas por autoridades, o poder deixava de ser individual e passava a ser coletivo, tornando a obediência uma obrigação do grupo. Descrever e compreender como o uniforme escolar está associado às possibilidades de pertencimento e transformações das culturas juvenis, analisando-o através do vestuário como símbolo de distinção social e projeção da personalidade na escola é o que se propôs nessa pesquisa.

Palavras-chave: Culturas juvenis. História. Educação.

ABSTRACT

COSTA, Kerin. When the school uniform is not the limit. Possibilities of belonging and transformations. 2014. 18 p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This research, through a literature review seeks to examine school uniform presenting its history and relating their use, practices and representations. For years the uniforms were made of fabrics without quality, outdated and poorly accepted by students. It's appearance took place many decades ago as identifying groups, differentiating students and identifying them especially when they were out of school, and often show differences between social classes, since each school had its unique style. Besides the military and ecclesiastical uses, within the school served to shape the behavior of young students, because when forced to wear clothes imposed by authorities, the power was no longer going to be individual and collective, making compliance an obligation of the group. Describe and understand how the school uniform is associated with the possibilities of belonging and transformation of youth culture, analyzing it through clothing as a symbol of social distinction and personality projection in school is what is proposed in this research.

Keywords: Youth cultures. History. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS UNIFORMES NO BRASIL.....	11
2.2 RELAÇÕES PEDAGÓGICAS: UNIFORME X AMBIENTE ESCOLAR.....	14
2.3 VESTUÁRIO COMO SÍMBOLO DE DISTINÇÃO SOCIAL E PROJEÇÃO DA PERSONALIDADE.....	18
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da educação no Brasil e no mundo, houve a necessidade de proceder a caracterização dos alunos de cada estabelecimento escolar através dos uniformes que os identificassem com o nome, a tradição, o método e características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e outras escolas. Essa medida visava, em primeiro lugar, a segurança extramuros do aluno em questão.

O uniforme escolar pode ser descrito e compreendido, associando-o às possibilidades de pertencimento e transformações das diferentes culturas, servindo para diferenciar um indivíduo do outro, bem como sua posição em uma atividade ou ambiente, analisando o vestuário como símbolo de distinção social e projeção da personalidade na escola.

Com a intenção de contribuir com o campo da educação e da moda esta pesquisa procurou mostrar, através de uma breve revisão da literatura, a evolução do uniforme escolar e seus usos, imprescindíveis para sua história e para a análise do que ele representa hoje, tanto para a escola, como para o aluno e para a própria sociedade.

Assim, objetivou-se: analisar o vestuário como símbolo de distinção social e projeção da personalidade; descrever a evolução histórica dos uniformes e as funções pedagógicas no uso dos mesmos dentro do ambiente escolar; analisar os motivos que levaram as escolas a adotarem o uso dos uniformes; representar conteúdos no qual o uniforme representa disciplina, ordem e asseio; analisar diferentes formas de abordar a temática dos uniformes como um caminho que possibilite melhores resultados nas relações entre alunos, pedagogos, diretores, professores e alunos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS UNIFORMES NO BRASIL

Segundo Corazza (2004, p. 55), uniforme também pode ser definido como farda ou fardamento e pode ser entendido como aquilo que possui apenas uma forma; um vestuário padronizado de uso regular de uma corporação, classe ou instituição, elaborados para tornar quem o usa igual, semelhante ou idêntico.

Ao nos aprofundarmos no assunto, em se referindo ao âmbito do cenário brasileiro, podemos nos valer de alguns aspectos históricos dos uniformes no século XX, principalmente levando em consideração o posicionamento de Schemes e Thön (2010, p. 05), que apresentam detalhes específicos e descrevem que o uniforme foi instituído pela primeira vez na capital do Império, no Colégio Pedro II, em 1850, uniforme este que mais parecia um fardamento militar. A partir de então, algumas escolas começaram a fazer uso de uniformes, visando alcançar uma forma de padronizar a roupa dos alunos, identificando-os com as instituições de ensino, as quais estavam vinculadas, procurando garantir a segurança e a disciplina, além de possibilitar tratamento igual para todos.

Já, em conformidade com o posicionamento de Marcon (2010, p.17), no Brasil, os uniformes escolares passaram a ser utilizados entre 1800 e 1900, com o advento da Escola Normal, em Niterói – RJ.

Por volta de 1920, ocorreu no Brasil o movimento da Escola Nova, o qual apoiava a universalização da escola pública, laica e gratuita. Foi uma época em que grupos menos privilegiados passaram a freqüentar as escolas. Com isto a uniformização destes novos alunos passou a ser de muita relevância. O movimento da Escola Nova teve grande importância na história da pedagogia e, segundo Aranha (2006, p. 4), evidenciou a conscientização da diferença entre a educação e as exigências do desenvolvimento. Fortalecendo a necessidade do uso do uniforme com a finalidade de tornar todos os estudantes semelhantes, pelo menos na aparência, evitando a diferenciação perante o grupo e a sociedade.

A crise econômica de 1929 e, paralelamente, o fim de uma época liberal, impulsionou o governo a publicar a brochura denominada “Uniformes Escolares – Districto Federal”, o qual tinha como principal preocupação descrever como deveriam ser os uniformes das escolas públicas, apesar de que ainda não os

tornava obrigatórios, porém foi o que aconteceu na década seguinte (LONZA, 2005, p. 19).

Conforme afirma Piletti (1997, p. 40), o Brasil teve um considerável avanço na área educacional na chamada “era Vargas” (1930-1945), período em que o novo governo priorizou a educação como instrumento de reconstrução nacional, procurando democratizar cada vez mais o ensino.

Foi isso que aconteceu; o governo Vargas trouxe a democratização do ensino e tornou obrigatório o uso de uniformes escolares no Brasil. Isto fez com que todos (meninos, meninas, ricos, pobres) passassem a fazer parte de uma coletividade, apesar das divergências entre um indivíduo e outro. A democratização levou os estudantes à homogeneização, ou seja, não era mais possível distinguir se cada jovem ou criança pertencia a um determinado grupo social, segundo Silva (2006, p. 16).

Há de se levar em conta o posicionamento de Lonza (2005, p. 04-05), o qual reforça o entendimento de que o uniforme realça uma nova noção de igualdade e identidade, fazendo com que os adultos e educadores percebessem os alunos de uma forma diferente, não ligada à hierarquia sócio-cultural e obrigando-os a ver os indivíduos numa coletividade.

O período compreendido entre o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e o início do regime militar (1964) marcou o restabelecimento dos princípios democráticos e a organização de muitas campanhas, que tinham o objetivo de ampliar e melhorar o atendimento escolar. Um marco histórico foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961, período este em que aconteceram vários movimentos de educação popular e também quando o método de alfabetização de Paulo Freire alcançou repercussão nacional (SILVA, 2006, p. 18).

Tal foi a abrangência que as escolas públicas tiveram, que viveram uma época magnífica em relação à qualidade de ensino, a tal ponto que mesmo as famílias mais abastadas e que reuniam condições de manterem seus filhos em escolas particulares, preferiam optar pela escola pública.

Na obra de Schemes e Thön (2010, p. 04) há relatos de que não se percebia mudanças significativas nos uniformizados desse período, quanto aos modelos das roupas, entretanto, o que era possível perceber a diferenciação das condições

econômicas de um aluno para outro, em conformidade com o material com que eram feitos os uniformes.

Um momento excepcional na história do uniforme foi o surgimento do *rock* como gênero musical, na metade da década de 50 foi, conforme destaca Lonza (2005, p. 25); isto porque, ao invés das roupas escolares seguirem as tendências da moda, os uniformes é que inspiraram a moda jovem, com as saias rodadas, sapatilhas, suéteres e camisetas que eram usadas por baixo da camisa. Esse período marcou, também, a imposição do jeans como peça de uso diário e escolar, provocando muitas discussões, considerando que as lavagens diferenciadas para esse tipo de tecido, dificultava a uniformização dos alunos.

Em São Paulo, no início dos anos 1950, os regimentos das escolas estaduais definiam os modelos que deveriam ser usados pelos alunos, de forma que os uniformes deveriam ter em vista o clima, a economia e a distinção do traje escolar; o uniforme baseado no traje de marinheiro ainda era o mais comum entre as crianças. Porém, a partir dos anos de 1960 os uniformes começaram a apresentar um aspecto menos formal (SILVA, 2006, p. 06, 07, 12).

Segundo Lonza (2005, p.176), os anos 60 também marcaram a mudança mais radical que aconteceu com os uniformes, por causa do aparecimento de tecidos feitos com helanca, muito mais práticos que aqueles utilizados até então, pois possuíam “alta resistência, não precisavam ser passados a ferro, não se deformavam com o uso, secavam muito rápido e não encolhiam, além de oferecerem muito mais cores [...]”.

Com as palavras de Silva (2006), resgata-se a idéia que “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade” (SILVA, 2006, p.106).

Outro autor define uniforme como um vestuário padronizado e distintivo e geralmente qualifica e serve como identificação social. O autor explica aos seus leitores que:

“[...]os uniformes são roupas especiais que têm diversas funções, além de envolver desde fatores relacionados à segurança e proteção do usuário, também a personalização e identificação, além de ser um recurso de identidade visual ou recurso publicitário, que torna um

meio de divulgação da marca. Sua elaboração está diretamente ligada à área do design de moda, no que diz respeito ao aspecto estético-formal e estilo” Lonza (2005, p. 21).

Em sua obra, em relação à importância do uso dos uniformes, ele enfatiza que:

“[...] o gradativo aumento do número de escolas no Brasil trouxe a necessidade de caracterizar os alunos de cada instituição de ensino, através dos uniformes. Essa indumentária, própria de cada estabelecimento, deveria indicar, além do seu nome, “a tradição, o método e as características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e outras escolas” (LONZA, 2005, p. 21).

O uniforme enquanto tradição e símbolo da escola visava, principalmente, à segurança do estudante fora da escola, pois ela, a partir da matrícula, era responsável pelo aluno que, por sua vez, deveria honrar as cores, o nome, a tradição e o símbolo da escola em qualquer lugar em que se encontrasse. Esse mesmo princípio passou a ser adotado pela Fundação Evangélica na primeira década do século passado. O uniforme passou a ser símbolo da escola. Era usado “em todos os dias, mas, principalmente, quando em saídas das alunas, para demonstrar o apreço e dizer onde estudavam, honrando assim a sua escola” (SCHEMES E THÖN, 2010, p. 04).

Já Umberto Eco (1989, p. 53), “analisa o uniforme como meio de coesão de um grupo, ao nível das aparências, pois caracteriza uma categoria, profissão ou função dentro de um contexto pré-determinado”.

A disciplina era outra das atribuições inerentes ao uso do uniforme, pois era “condição *sine que non* que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumassem desde logo a obedecer às regras de convívio na sociedade” (LONZA, 2005, p.22).

2.2 RELAÇÕES PEDAGÓGICAS: UNIFORME X AMBIENTE ESCOLAR

Para um bom relacionamento dentro do ambiente escolar são necessárias algumas adaptações:

Juntamente com o advento do sistema escolar surgem artefatos que visam auxiliar a introdução das regras e disciplinas deste na vida dos alunos: os livros, as carteiras escolares, o uniforme escolar, entre

outros, funcionam como elementos complementares destinados à ação ordenadora e regulamentadora das normas de cada instituição sob os alunos (ANDRADE; SPAINE; MENEZES, 2010. p. 08).

Também:

A educação hoje é considerada um dos principais veículos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual. Inserindo-se num contexto histórico, social e cultural mais amplo, os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir. É neste sentido que se pode falar, globalmente, de uma cultura, que se cria e preserva através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade e, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspectos, transversais, que caracterizam a escola como instituição (SOUZA, 2013, p.01).

Foi preciso implantar mudanças para igualar as condições sócio-econômicas:

Desde o momento da implantação dos primeiros modelos no Brasil, que ocorreu por volta de 1850, freqüentemente associavam-se os uniformes escolares com a democracia e economia. Isto se deve ao fato de que muitas peças eram distribuídas por órgãos do governo e buscavam obter certa igualdade, que deveria ser expressa por meio de uma mesma estética imposta a todos, no intento de diminuir ou nivelar as diferenças de condições sociais dos alunos (ANDRADE; et al, 2010. p. 15).

Até “os anos 1980 os alunos se conformavam com a obrigatoriedade de vestirem-se todos de forma similar e sem variações de peças; depois disso as escolas foram pressionadas a ampliarem as opções” (ARAÚJO, 2007, p. 19).

Um dos argumentos fortes para a adoção do uniforme, conforme aponta Inês Dussel (2005 apud RIBEIRO E SILVA, 2012, p. 11), foi a ideia de que, “por meio dele, seria possível evitar o contraste entre ricos e pobres, tão importante à concepção de democratização do ensino”. Ao se constituírem como símbolos de padronização, os uniformes foram considerados um elemento fundamental para a construção de um sistema educacional que postulava uma educação igual para todos, igualdade esta que tinha a pretensão esconder diferenças significativas.

O uso dos uniformes escolares era regra imposta por normas regimentais, ou seja, o aluno era obrigado vestir-se com o uniforme para ir à escola, isso era parte da disciplina escolar, mas ao não vesti-los caracterizava uma transgressão passível de punição e até mesmo de exclusão do processo de escolarização.

Ocorreram diferenças marcantes quanto ao uniforme de escolas públicas e privadas: nas públicas os problemas vão desde licitações até as cores adotadas

para favorecer cada governo em exercício, passando pela inobservância das preferências dos alunos, nem sempre respeitada e, por razão de serem doados aos estudantes, não há margem para reclamações (LONZA, 2005, p. 223).

Nas escolas privadas, a realidade é outra, relata o autor: “com a cartela completa de cores entrando nos uniformes das escolas particulares e os modelos cada vez mais se aproximando da nova moda, o estudante de agora pode se apresentar totalmente fashion” (LONZA, 2005, p. 224).

Para a escolha dos materiais utilizados para a confecção dos uniformes dos alunos, associa-se à necessidade de o aluno permanecer por horas com a mesma vestimenta, dando a ele comodidade, tanto no período em que permanece sentado, como no período que ele necessita exercitar-se, realizando movimentos mais amplos, como, por exemplo, nas aulas de educação física. É nesse aspecto que se tem a preocupação para com o conforto como critério de escolha para o material da vestimenta.

Os uniformes escolares fazem parte do dia a dia dos estudantes, e sua função é padronizar, vestir e proteger o usuário. Pode-se afirmar que alunos passam a maior parte do seu dia com estes uniformes: estudam, praticam atividades físicas e participam de oficinas (HERRERA; CARMONA, 2011, p.09).

Atualmente é importante destacar o desejo dos estudantes em sentirem-se a vontade ao usar uniformes modernos e que possam ser utilizados sem constrangimentos na escola ou em qualquer outro lugar. Quando o uniforme possui estética atraente, ergonomia e funcionalidade, os alunos ficam mais satisfeitos e ganham conforto. Com isso o colégio agregará valor aos alunos se uma identidade visual

A utilização de uniformes escolares era obrigatória e constante, servia como símbolo ou marca das escolas, identificando os alunos, tanto nas públicas como nas particulares. Durante muitos anos os uniformes eram confeccionados com matéria prima ou fibras que não eram apropriadas para a realização de atividades físicas, trazendo desconforto aos alunos. Eram fardamentos sem estética, e sem preocupação com a ergonomia, acarretando o desconforto e a rejeição.

Existem alguns aspectos que mostram a relação entre bem estar e conforto segundo os autores descrevem:

[...] afirmam ainda que o bem estar dos alunos está relacionado ao conforto, que é definido em três aspectos: 1) Físico: Relacionado às sensações provocadas pelo contato do tecido com a pele e pelo ajuste da confecção ao corpo e aos seus movimentos; 2) Fisiológico: Ligado à interferência do vestuário nos mecanismos de metabolismo do corpo, em especial o termorregulador; 3) Psicológico: Função de fatores relacionados á estética, aparência, moda, meio social e cultural” Higgins e Anand (2003 apud HERRERA; CARMONA, 2011, p.09).

Muitas foram as mudanças necessárias para tornar mais confortável e atrativa a experiência dos alunos com a escola, tornando essa convivência harmoniosa. Como afirma o autor:

Compreendendo o espaço escolar como um lócus produtor de identidades e de dispositivos, fundamentais para a manutenção da disciplina exigida por/para seus atores constitutivos, são criados, a partir deste espaço, artefatos próprios da cultura escolar, tais como: a carteira escolar, o livro didático, o uniforme escolar etc. Estes artefatos destinados a identificação, imobilidade, manutenção da postura corporal e individualização, permitem a emergência de técnicas destinadas a multiplicar a submissão do aluno de forma objetiva, pela utilização de tais artefatos e de forma simbólica em uma série de significados implícitos (VARELA E ALVAREZ-URIA, 1992, p. 33).

No decorrer do tempo, o uso de uniformes ou fardamentos serviu para distinguir grupos, categoria, tribos, associações e também as escolas, e nesse caso, identificando-os como pertencentes a uma determinada instituição escolar. As escolas definiram uniformes diferentes para cada uma delas, facilitando a identificação de seus alunos através do nome, da cor, do modelo, e outros itens. O uniforme escolar submete o sujeito ao padrão desejado pela escola, ao mesmo tempo em que o aluno passa a aceitar as imposições normativas, passando a aceitar e obedecer a regras sociais.

lguns autores assim descrevem todo esse processo:

“Os uniformes ou fardamentos cumpriram, no decorrer do tempo, a função de distinguir identidades, próprias ou particulares de um grupo, categoria, tribos, associações e, também, de estudantes pertencentes a uma determinada instituição escolar e, deste modo: “o próprio nome justifica, o uniforme escolar é uma tecnologia de poder que submete o sujeito ao padrão desejado” Alcântara (2006, p.8).

“De acordo com no âmbito histórico da institucionalização da educação no Brasil, surgiu a necessidade de distinguir os alunos de cada estabelecimento pelo meio de uniformes que os caracterizassem com o nome, a tradição, o método, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas” Lonza (2005. p. 22).

“O uniforme escolar estabelece em seu uso um ato de pertencimento, haja vista que o aluno deve honrar o nome, as cores, a tradição e o emblema da escola a qual está vinculado. Ao mesmo tempo, submete o aluno ao disciplinamento. Usando o vestuário próprio de sua escola, o aluno aceita as imposições normativas, acostumando-se a aceitar e obedecer a regras sociais” (LONZA, 2005 apud SCHOLL; JACQUES, 2005, p. 06).

2.3 VESTUÁRIO COMO SÍMBOLO DE DISTINÇÃO SOCIAL E PROJEÇÃO DA PERSONALIDADE

Analises referente à evolução da moda do uniforme escolar, destaca que mesmo sendo considerado por muitos autores como “antimoda”, devido à continuidade e a rejeição, funcionam como uma espécie de “imagem identitária”, pois as vestimentas mostram os costumes e tradições e contam a história de um povo, em determinada região.

As mudanças nos uniformes escolares foram lentas e resistentes, mas a indústria da moda está transformando as peças sem muito atrativos, em peças mais desejadas. Mesmo que ainda sirvam como identificação dos membros de um grupo e os diferenciam dos demais, a identificação é a característica que marca as peças do fardamento, e como no exército, é de uso obrigatório.

O tema identidade é destaque entre muitos estudiosos que apresentam opiniões controversas, devido à existência de inúmeras formas de definição. Identidade pode apenas procurar destacar um indivíduo dentro de um conjunto, uma vez que essa busca pressupõe a comparação como o outro. Nesse caso ao fazer uma comparação prioriza a diferença, mas para esse processo é primordial que sejam definidas as regras de como será realizada essa identificação.

“O conceito de identidade enfatiza a busca do ser individual destacado do conjunto, uma vez que essa busca pressupõe a comparação com o outro. A definição da identidade, nessa concepção, prioriza a diferença, pois a sua construção se dá a partir de uma definição da relação de algo exterior ao sujeito, contrapondo-se ao outro, de forma a definir o que realmente é. Segundo o autor, não basta ao sujeito dizer-se diferente, é necessário destacar os elementos que revelam como a identificação se faz” ORTIZ (1994, p. 08).

O autor ainda destaca que existem múltiplas possibilidades de identificação e, portanto diferentes construções de identidades. “[...] uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos” (ORTIZ, 1994, p.7-8).

A realidade social apresenta o indivíduo inserido numa estrutura social ampla, fazendo parte de uma coletividade como membro de um grupo. Essa realidade social não é apreendida de forma pura, sempre é apropriada e simbolizada, consciente ou inconsciente, pelos grupos que dela se aproxima, quase como uma imposição.

Conforme descreve o autor:

“E é nesta atribuição de sentido que percebemos que as representações não são ingênuas. Apesar de se proporem a uma aproximação com a realidade, sempre são influenciadas pelos interesses do grupo que a produz” (CHARTIER, 1990, p. 17)

São os desejos, aspirações, motivações e necessidades dos grupos que dão significados a sua existência e é a partir das experiências de seus agentes sociais, que ocorrem as transformações que trazem benefícios ao coletivo.

A função do uniforme escolar surge através desses pressupostos, destacando a apresentação visual de seus alunos perante a sociedade na qual cada escola deve mostrar uma imagem de beleza, status, na qual se quer mostrar a melhor qualidade diante das demais, porém nem sempre esse objetivo é atingido.

Porém existe

“[...] outra função do uniforme é a questão do pertencimento a um grupo. Os alunos se identificam através da vestimenta. Nossa filosofia fala da educação como construção coletiva permanente, baseada em princípios de convivência, solidariedade, justiça, respeito. Penso que o uso do uniforme faz parte, entre muitas outras ações, da construção desses princípios” (SCHEMES; SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 50).

A moda pode trabalhar a favor da modernização dos uniformes, produzindo confecção com matéria prima de melhor qualidade, adaptando-os as mudanças sociais, onde os jovens pedem uma modelagem moderna e peças que agradem aos olhos e ao corpo, conforme o imaginário e a decisão do grupo juntamente com a escola.

Esta questão nos permite inferir que a reconstrução pode ser uma variável entendida como elemento de constituição de identidade, na medida em que os alunos realizarão as alterações obedecendo às

indicações do grupo ao qual se sentem inseridos, ou mesmo do qual desejam participar. Ao padronizarem, em certa medida, a alteração do traje escolar, passam a expressar visualmente o espaço de pertencimento dentro da sala de aula, da escola ou, ainda num âmbito mais amplo, da sociedade na qual se inserem (SCHEMES; SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 54).

Grupos são formados a partir da idéia de fazer parte de algo, mas pode surgir com a necessidade, exemplo nas escolas quando alunos são matriculados e assim passam a pertencer ao grupo que usará o mesmo uniforme, ainda que não seja opção, mas imposição.

O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo, e este aspecto, principalmente no que diz respeito às combinações “acertadas” entre os alunos observados, é evidente, podendo ser facilmente percebidas nas imagens analisadas (MAFFESOLI, 2001 apud SCHEMES; SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 55).

Esse imaginário é construído através dos conhecimentos e vivências obtido dentro do ambiente e da cultura em que está inserido. O indivíduo encontra no grupo algumas semelhanças que o faz sentir como parte do coletivo. O imaginário influenciará a vida em todos os aspectos, confirmando as imagens do grupo e estabelecendo vínculos, identificando o indivíduo como membro pertencente ao grupo.

Na construção do imaginário, o indivíduo assimila situações que lhes são familiares, as quais fazem parte da cultura na qual ele está inserido. Ele se apropria dessas situações, mas com elas invade o mundo do imaginário, recriando-as, revisitando-as. Essa semelhança não é coincidência, uma vez que os fatos, desejos, sonhos são comuns ao grupo. O que importa do imaginário é esta possibilidade dele pertencer ou representar um grupo, denominando-se coletivo. O imaginário incidirá em vários aspectos da vida humana, enfatizando crenças, dogmas, confirmando as imagens do grupo e estabelecendo vínculos entre ele e o indivíduo (SCHEMES; SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 55).

Abaixo o autor destaca que:

Uma identidade se expressa, justamente, através de representações que definem a ideia e o sentimento de pertencer a um grupo (MAFFESOLI, 2001 apud SCHEMES; SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 54).

Cada grupo tem uma formação cultural exclusiva, dependendo das experiências impostas ou aprendidas pela opção de vida.

Assim, vemos os jovens buscando a diferenciação da vestimenta através da transformação do uniforme – eles não querem ser iguais a todos - agem coletivamente no sentido da transformação de uma coletividade restrita, ou seja, seu próprio grupo. Essa consciência de si, através de representações, impõe limites às práticas sociais. Estes limites se dão em torno das fronteiras entre um grupo e outro (SCHEMES; SILVA; ARAÚJO, 2013, p. 56).

O assunto reflete ao que chamamos de aproximação. Os alunos aceitam a imposição quanto ao uso do uniforme e até reconhecem a importância do seu uso, mas imprimem nesse traje características pessoais, relacionadas às tendências atuais de moda. Enfim, analisando as representações do uniforme escolar elaboradas pelos alunos e observando as suas ressignificações, identificamos uma busca de construções identitárias realizadas pelos adolescentes (RENATO ORTIZ, 1994, p.7-8).

A aceitação e o uso do uniforme por parte do aluno é compreendida como sua vestimenta. Mesmo o uniforme sendo um elemento de padronização em sua essência, ele está inserido numa estrutura social mais ampla, o que lhe faculta a possibilidade de se transformar num elemento diferenciador (MANUEL CASTELLS, 1999, p. 33).

A linguagem do vestuário serve para identificar posições ideológicas, em conformidade com os significados que se propõe em transmitir, bem como as maneiras e os meios escolhidos para transmiti-los (UMBERTO ECO, 1989, p. 17).

É oportuno pensarmos que a utilização do uniforme escolar pode ser entendida no sentido agregador, quando se busca a uniformidade do grupo. Mas, por outro lado, também se admite o sentido individualizador, no momento em que os jovens procuram adaptar-se aos seus gostos, buscando se sentirem satisfeitos quanto à personalização dos seus uniformes. A implantação do uniforme como regulador e disciplinador dentro da escola, passa aos poucos a não mais ser imposta, mesmo ainda sendo obrigatória, mas são sempre influenciadas pelos interesses do grupo que as produzem e aplicadas a partir dos seus desejos e necessidades.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes modos de uso do uniforme escolar, ou ainda, a possibilidade de investir na vestimenta utilizada e no visual uniformizado sugerem alguns questionamentos e entendimentos em torno de tal prática escolar, as quais nortearam a realização deste estudo.

Demonstrar os valores diferenciados aplicados ao uso dos uniformes escolares e suas várias significâncias e representações, no decorrer do século XX, deixa evidente o conceito de que o uniforme escolar, como vestuário, tem sua representatividade histórica e social.

O uniforme escolar tem um significado de identificador de grupos e símbolo e das escolas. Algumas vezes podem mostrar o “poder” da escola junto à sociedade, nelas os alunos tem melhor condição financeira e vestem um fardamento mais caro, mais belo, como um troféu.

A utilização do uniforme no Brasil iniciou com o objetivo de identificar alunos de acordo com as suas instituições escolares, garantindo segurança e disciplina, além de contribuir para que todos fossem tratados como membros de uma só instituição.

A relação existente entre uniformes escolares, suas descrições e análises remetem os uniformes como elemento identificador de uma categoria social. O uso deste sempre se deu não exclusivamente para a identificação do aluno, mas também para a sua segurança, seu conforto físico e moral, levando-o para um ar de igualdade para com os educadores, os colegas e à sociedade.

Tanto a moda, como a economia, a política e a educação influenciaram (e influenciam) as transformações destas vestimentas escolares, o que se comprova, principalmente, em períodos de guerras e ditadura no país.

Dessa maneira não há a possibilidade de dúvidas, pois este enfoque pressupõe a existência de múltiplas possibilidades de identificações e, portanto, diferentes construções de identidade, pois os grupos são formados a partir de pontos comuns e distintos ao mesmo tempo.

Assim, conforme Renato Ortiz: abre-se a possibilidade de “[...] uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.” (ORTIZ, 1994, pag 8).

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, C. V. M. **Subjetividade e subjetivação: a “criança resistência” nas dobras do processo de socialização.** Artigo disponível em: <http://www.ANPED.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm> Acesso dia 04 de janeiro 2014.

ANDRADE, R.; SPAINE, P. Ap. de A.; ALENCAR, F. de. **A uniformização e a moda.** VII Colóquio de Moda. 12 a 14 de setembro de 2010: ANAIS.

ANDRADE, R.; SPAINE, P. Ap. de A.; MENEZES, M. dos S.; ALENCAR, F. de. **Uniforme escolar infantil: cenário atual.** 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Anhembi Morumbi, 2010: ANAIS.

ARANHA, M. L. de A. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e do Brasil.** São Paulo: Moderna, 2006.

BACKZO, B. **A imaginação social.** In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Eunaudi.* Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

CASTELLS, M. **O Poder da identidade.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre Práticas e Representações.** Lisboa: Difel, 1990.

CORAZZA, S. M. Revista Pedagógica. Porto Alegre: ARTMED, Ano VII, nº 28 nov. 2003/jan. 2004, p. 66.

ECO, H. **O hábito fala pelo monge.** In: ECO, Humberto ET alii. *Psicologia do vestir.* 3.ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1989.

HERRERA, R. F.; CARMONA, T. R. **Desenvolvimento de uniformes escolares segundo as propriedades do design.** 2011. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Superior de Tecnologia de Design de Moda. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2011.

LONZA, F. **História do uniforme escolar no Brasil.** Brasília: Ministério da Cultura, 2005

MAFFESOLI, M. **O imaginário é uma realidade.** In: *Revista da Famecos,* Porto Alegre: PUCRS, 2001.

MARCON, M. D. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares:** reflexões no campo da educação e da moda (1940-2000) Caxias do Sul/RS. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UCS, Caxias do Sul, 2010. 130 p.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

- PILETTI, N. **História da Educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1997
- RIBEIRO, I.; SILVA, V. L. G. da. **Das materialidades da escola: o uniforme escolar**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, jul./set. 2012.
- SCHEMES, C.; THON, I. H.. **A moda européia e o uniforme escolar no Brasil**. XI Colóquio de Moda, 2010.
- SCHEMES C.; SILVA, C. E. da ; ARAUJO, D. C. de. **A resignificação do uniforme escolar na contemporaneidade: identidade e representação**. Cadernos do Tempo Presente, n. 13, jul./set. 2013, p. 49 – 59.
- SCHOLL, R. C.; JACQUES, A. R. **Vestidas de azul e branco: o feminino uniforme no Colégio Farroupilha de Porto Alegre (1950)**. Revista Educação por Escrito – PUCRS, v.3, n.1, jul. 2012. século XX. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional,2000
- SILVA, K. N. da. **“Criança calçada, criança sadia!”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970)**. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 2006. Disponível em [HTTP://teses.usp.br/teses/dsiponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/](http://teses.usp.br/teses/dsiponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/). Acesso em 11 de janeiro 2014.
- SOUZA, Â. R. **“A escola por dentro e por fora: a cultura da escola e a descentralização financeira”**, in Revista Ibero-americana de Educação, <http://www.campus-oei.org/revista/fin_edu3.htm> Acesso em 13 de janeiro 2014.
- VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar. Teoria & Educação**. Porto Alegre, nº 6, 1992.